

APROXIMAÇÕES DO PARADIGMA INDICIÁRIO COM O PENSAMENTO FREIRIANO: UMA CONSTRUÇÃO POSSÍVEL?

*Edna Furukawa Pimentel**
*Zilda Maria C. Montenegro***

Resumo: Este artigo pretende apresentar, de forma sucinta, a trajetória do paradigma indiciário, tentando demonstrar sua importância como modelo epistemológico e suas possíveis aproximações com o pensamento freiriano. O paradigma indiciário traz significativas contribuições para a prática pedagógica dos educadores, na medida em que, conforme Ginzburg (1991), consiste na valorização dos pormenores, dos gestos inconscientes, dos detalhes, das particularidades insignificantes, geralmente imperceptíveis e negligenciados pela maioria dos pesquisadores. Corresponde a um método interpretativo que atribui aos dados marginais a importância de revelar aspectos que fogem ao controle da consciência, permitindo captar uma realidade mais profunda e inacessível à observação direta. De acordo com a forma de saber, pode dirigir-se ao passado, ao presente ou ao futuro.

Palavras-chave: Formação de Professores. Paradigma Indiciário. Prática pedagógica.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/CE/UFPB). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: ednafurukawa@ig.com.br

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/CE/UFPB). Professora da Escola Técnica de Saúde/Centro de Ciências da Saúde/UFPB (ETS/CCS/UFPB).

O paradigma indiciário e sua trajetória

Refletir acerca de qualquer modelo de conhecimento não é tarefa fácil, principalmente quando se trata do paradigma indiciário, este, ainda que não teorizado explicitamente, é, de fato, amplamente operante. Sua existência remonta de data imemorial, confundindo-se com a trajetória da existência do próprio homem, quando este, durante suas caçadas, revelava operações mentais complexas e precisas, realizadas com rapidez. Esse modelo se manifesta, ainda hoje, como patrimônio cognoscitivo transmitido de geração a geração por narrativas. Está presente em muitas práticas, desde a medicina até as artes dos sertanejos, que conseguem entender e prever o tempo, seja pelo comportamento das formigas, dos cupins ou de outros indícios, como a observação da vegetação, a posição da lua e das estrelas, o comportamento e o canto dos pássaros, o vento, a cor do sol e das nuvens e tantos outros sinais que a ciência positivista não incorpora, não valoriza.

Aqui, tentaremos evidenciar as possíveis aproximações do paradigma indiciário com o pensamento freiriano, especialmente na Pedagogia da Autonomia, quando ele afirma:

[...] uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera o outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 1996, p. 28).

Dessa forma, parecem convergir para a mesma direção os ventos que sopram o paradigma indiciário e os princípios freirianos. Ambos parecem indicar possíveis alternativas na luta por uma educação emancipatória.

Para podermos traçar um diálogo entre o paradigma indiciário e o pensamento freiriano, recorreremos à trajetória da humanidade desde seus primórdios. Há milhões e milhões de anos, surgiu o *Homo Sapiens*. Nas épocas mais frias, ele vivia nas cavernas, pois a temperatura era muita baixa. Esse homem precisava criar utensílios para sua sobrevivência. Utilizando criatividade e imaginação, consegue confeccionar seus objetos primeiramente em osso e madeira depois em pedra e marfim. Usa um machado de pedra, para furar, cortar e esmagar os alimentos e para defesa. As lascas são aproveitadas para fabricar objetos cortantes... Assim, inicialmente nômades (andavam à procura de alimentos), descobrem e dominam o fogo, possuem uma linguagem rudimentar.

O tempo passa, e o homem se supera cada vez mais, indo morar efetivamente nas cavernas (em razão do resfriamento intenso do planeta). Caçava animais de grande porte (mamute, renas), utilizando, para isso, armadilhas montadas no chão, construídas com muita habilidade, perspicácia e planejamento. Também se destacavam na cura de seus enfermos. Criaram remédios e poções extraídas de certas plantas para curar determinadas doenças, descobertas por observação empírica, bom senso ou acaso.

Devemos ressaltar que o primeiro indiciarista na história da humanidade é o caçador, pois ele rapta os fragmentos dos sinais e se antecipa. Seu poder de intuição e sua versatilidade são elementos importantes para a sua sobrevivência. Segundo Ginzburg (1991), por milênios o homem foi caçador. Aprendeu então a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. É esse tipo de conhecimento, com raízes muito antigas, remontando à própria evolução da humanidade, que Ginzburg denomina de paradigma venatório ou indiciário.

Mas, é na Mesopotâmia, precisamente a partir do terceiro milênio a.C., que se encontra uma inegável analogia entre o paradigma venatório e o paradigma implícito nos textos divinatórios mesopotâmicos, onde ambos presumem o detalhado reconhecimento

de uma realidade ínfima, para descobrir pistas de situações ou acontecimentos não diretamente vivenciadas pelo observador. Aqui, diferente do venatório, cuja decifração se volta para o passado, no divinatório, a adivinhação se volta para o futuro, mas as operações intelectuais mobilizadas eram as mesmas: análises, comparações e classificações.

Em suma, pode-se falar de paradigma indiciário ou divinatório, dirigido, segundo as formas de saber, para o passado, o presente e o futuro – e tinha-se a semiótica médica na sua dupla fase, diagnóstica e prognóstica [...] e tinha-se a jurisprudência. Mas, por trás desse paradigma indiciário ou divinatório, entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escuta as pistas da presa. (GINZBURG, 1991, p. 154).

Deixemos as civilizações mesopotâmicas e observemos a Grécia, considerada a mãe da civilização ocidental, por oferecer à humanidade uma grande riqueza de valores e de pensadores, entre eles os filósofos denominados pré-socráticos, como Heráclito, Empédocles, Demócrito... e os socráticos, como Sócrates, Platão e Aristóteles... Mesmo sucumbido pelo modelo Platônico ou Aristotélico, o paradigma indiciário continuava presente. É na Grécia, com seu clima de efervescência política e social que se caracteriza a cultura da polis, onde, pela primeira vez, acontece uma investigação sem preconceito sobre o corpo, a linguagem e a história dos homens, desatrelada da intervenção divina. Ginzburg (1991, p. 155) afirma que:

Menos óbvio é o fato de que nessa virada um papel de primeiro plano tenha sido desempenhado por um paradigma definível como semiótico ou indiciário. Isso é particularmente evidente no caso da medicina hipocrática, que definiu seus métodos refletindo sobre a noção decisiva de sintoma (*semion*). Apenas observando atentamente e registrando com extrema minúcia todos os sintomas – afirmavam os hipocráticos –, é possível elaborar “histórias” precisas de cada doença: a doença é, em si, inatingível.

Foi com Hipócrates¹ que surgiu a idéia da medicina preventiva, que sinaliza não só a importância da dieta, mas também do estilo de vida do paciente e de como ele influi sobre seu estado de saúde e convalescença. Assim, Hipócrates antecipa a idéia, então revolucionária, de que o médico poderia prever a evolução de uma doença mediante a observação minuciosa e cuidadosa de um número suficiente de casos. É certo que esse modelo ou paradigma indiciário permaneceu implícito, esmagado pelo prestígio social dos modelos clássicos de conhecimento, como o platônico e o aristotélico.

Como na Antiguidade Grega, também no Período Medieval, o paradigma indiciário, por não abrir mão dos saberes que brotam da dúvida, da incerteza, da intuição, não é valorizado pelos vencedores, pelo saber dominante, pois, ao identificar pistas, sinais, o observador olha, adianta uma explicação, depois cria instrumentos para confirmar se pensou bem, se o mundo que pensou corresponde à realidade. Esse modelo é rejeitado porque mexe com situações instáveis, não age com previsão, com controle, com certezas. Por isso o poder dominante o despreza.

Já na Época Moderna, com a complexidade típica da humanidade, vão se formando outros grandes modelos epistemológicos, e é o século XVII que se constitui o século da nova ciência, levando à constituição de uma nova visão de mundo e à concepção de um novo saber – o saber científico.

Mas a grande inovação da ciência moderna, aquela que terá conseqüências mais profundas e duradouras, estará ligada ao nascimento do método científico. Durante todo o século, filósofos e cientistas estarão em busca do método do saber, que terá um papel de fundação rigorosa da ciência e de aprendizagem universal – aberto a todos – deste saber inovador. Bacon e Descartes, Galileu e Newton, mas também Comenius, Fontenelle e Leibniz estarão envolvidos nessa busca que pode parecer quase obsessiva. A definição progressiva e que se realiza através de contribuições diversas e divergentes – será completada por Galileu e Newton,

¹ Nascido provavelmente na Ilha de Cós, na Grécia (460-377 a.C.), é considerado o pai da medicina.

os quais põem em destaque as etapas constitutivas do método científico (observação, hipótese, matematização, verificação experimental) e o fato de vir a fundar um saber nomológico, que visa à caracterização de leis na natureza, universais e invariantes. (CAMBI, 1999, p. 301).

A ciência moderna começa então a firmar sua autonomia, reivindicando a tarefa de redefinir o cosmos segundo uma metodologia própria, inteiramente voltada para uma lógica racional. Constituiu-se assim a idéia de alcançar a verdade por meio da razão científica, isto porque a revolução científica foi elemento essencial na construção da civilização moderna. Ao negar ou, pelo menos, ao questionar *a priori* todo o conhecimento antigo, a nova ciência inaugura a tradição moderna, fundamentada na idéia da crítica da investigação sistemática e no critério da razão matemática. Segundo Ginzburg (1991), é claro que as disciplinas indiciárias: medicina, filologia, história... não entram nos critérios de cientificidade dedutíveis do paradigma galileano, pois são disciplinas qualitativas, que têm por objeto situações, casos e documentos individuais.

É preciso questionar os saberes científicos, saberes dos vencedores, pois a concepção dominante é aquela que, valorizando de forma intensa as estratégias de inteligência cognitiva, desvaloriza as demais, como as corporais, sensitivas e intuitivas (inteligência corporal, viva), que também são formas de expressão da humanidade. Isso se deve, em grande parte, à necessidade de homogeneizar, para acabar com as diferenças, no intuito do controle e da conformação social e, para isso, a modernidade produziu o Estado absoluto com suas instituições (escolas, hospitais, exército...). É preciso romper com esse modelo de ciência instrumental, compreendendo que a ciência do controle, da exatidão, do conhecimento como valor universal não permite a incerteza, a curiosidade e outras formas de relação com o conhecimento.

A partir do século XVIII, a ciência moderna, cuja linguagem depurada e abstrata afasta-se dos dados sensíveis, promoveu uma ruptura com as práticas cotidianas, sacrificando, em detrimento da generalização,

o conhecimento dos elementos individuais. Surge a tendência, conforme Ginzburg (1991), de se eliminarem os traços individuais dos objetos, aumentando a distância emocional do observador.

Também é interessante observar que as classes dominantes passam a se apropriarem dos saberes de artesãos, camponeses e cidadãos comuns. Exemplo disso é a ilustração apresentada por Ginzburg (1991), afirmando que o uso das impressões digitais para controle social resultou da expropriação dos saberes indiciários da população da China, sobretudo em Bengala, que tinha por costume imprimir nas cartas e documentos uma ponta de dedo borrada de piche ou tinta.

Entretanto, é no final do século XIX, que se manifesta de forma discreta no ambiente das ciências humanas um paradigma indiciário baseado na semiótica, embora ainda não explicitamente teorizado, inacabado, mas existente e operante. Ele se revela em trabalhos de três médicos: Morelli, Freud e Conan Doyle. Aqui, é possível colocar em cheque o próprio conceito paradigmático de razão, reconhecendo que nem todas as forças e dinâmicas existentes no universo, na natureza e no homem operam segundo uma lógica mecânica previsível. Aqui não se questiona a intensa e fundamental contribuição da ciência positiva, que continua proporcionando conhecimentos válidos e efetivos sobre a realidade, porém os resultados e conquistas obtidos depois de mais de dois séculos, que têm nos colocado atualmente, nos mais diversos campos, em situações-limites que a própria ciência reconhece-se incapaz de solucionar.

Com o intuito de evidenciar a presença do paradigma, Ginzburg (1991) parte do crítico de arte Morelli, do personagem de Arthur Conan Doyle, o detetive Sherlock Holmes, e do pai da psicanálise, Freud. Com esses três casos, ele demonstra a presença do saber indiciário, que se baseia na busca e utilização de pormenores reveladores à elaboração do conhecimento. Um paradigma que se firma nos detalhes, no que aparentemente é irrelevante. Este autor delineia uma analogia entre o método morelliano (criado para identificação dos quadros antigos, ensinando de forma segura a distinguir uma cópia de um

original, podendo devolver a seu verdadeiro autor obras às vezes não assinadas e atribuídas incorretamente a outro), o método indiciário utilizado pelo detetive Sherlock Holmes (por meio de pistas, “de indícios imperceptíveis para a maioria”, desvendava seus crimes) e o método psicanalítico de Freud para interpretação dos sintomas. Esta tripla analogia “Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)” traz, como referencial, pistas mínimas e aparentemente insignificantes, que permitem desvendar “uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível”. (GINZBURG, 1991, p. 150).

Assim, o modelo indiciário emerge, trazendo uma importante contribuição na medida em que desvela o não dito, o que não está revelado claramente, com as contradições, pausas, silêncios, lapsos, negações e repetições e com o relato da história de vida, buscando no passado explicações para o presente e, quem sabe, subsídios para projetar o futuro. Pelos indícios, é possível tentar entender atitudes, mudanças e mecanismos criados pelos sujeitos como forma de mediação com a realidade. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios que permitem decifrá-la. [...] Essa idéia constitui o ponto essencial do paradigma indiciário”. (GINZBURG, 1991, p. 177).

O paradigma indiciário e a formação de professores.

Essa idéia que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico também deve estar presente no cotidiano das práticas pedagógicas dos professores, no momento em que, na escola, na sala de aula, os acontecimentos ocorridos devem se constituir em indícios, pistas ou sinais que permitam compreender e desvelar a realidade. O paradigma indiciário demanda um conjunto de elementos ditos imponderáveis: *faro, golpe de vista e uma intuição* que se mantêm atentos aos indícios. Esses indícios devem ser buscados cuidadosamente, pois eles poderão auxiliar os educadores no processo de decifração e compreensão dos fatos cotidianos: fracassos, dificuldades, desinteresse...

As leituras indiciárias se sustentam no esforço de captar, numa determinada situação desafiadora, aqueles pormenores importantes, aqueles indícios reveladores capazes de permitir que as pessoas arrisquem a antecipar mentalmente o desenlace de algum evento, que ainda não se completou para a compreensão de quem investiga. Esse tipo de leitura permite algum êxito em empreendimentos marcados por incertezas. (GONÇALVES, 2003, p. 30).

Gonçalves (2003, p. 31) segue afirmando que

Como educadores (as), estamos sob o risco de também permanecer cegos, sem saber selecionar para nossas experiências educativas os recursos inventivos apropriados pelos nossos educandos. Do mesmo modo, os educandos podem não conseguir captar a inteligência dos conteúdos da formação escolar.

Não há dúvida de que é preciso construir uma atitude de observação dos detalhes, do comportamento dos educandos, de suas inquietações, questionamentos, descobertas... para constituir uma prática pedagógica mais significativa, que respeite e valorize o sujeito como construtor do seu próprio conhecimento.

Com esse entendimento, é impossível não recorrer a Paulo Freire (1996), quando este afirma que ensinar requer aceitar os riscos do desafio do novo, como inovador e enriquecedor. É também ter certeza de que cada sujeito faz parte de um processo inconcluso, pois, apesar de saber que o ser humano é um ser condicionado, haverá sempre possibilidades de interferir na realidade a fim de modificá-la.

Freire (1996, p. 86), em sua “Pedagogia da Autonomia”, defende a importância de que, no processo de aprendizagem-ensino, tanto alunos quanto professores sejam curiosos, instigadores. “É preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache repousado no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano”. Segundo Freire (1996, p. 56-57), “o educador que ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica”.

“A autonomia, a dignidade e a identidade do educando tem de ser respeitada, caso contrário, o ensino tornar-se-á inautêntico, palavreado vazio e inoperante”. (FREIRE, 1996, p. 62). E isto só é possível tendo em conta os conhecimentos dos sujeitos, adquiridos das diversas experiências antes de chegarem à escola. Neste sentido, o professor precisa estar disposto a ouvir, a dialogar, a fazer de suas aulas momentos de liberdade para falar, debater e ser aberto para compreender o querer de seus alunos. Resgatar nos saberes cotidianos, ainda que vindos da curiosidade ingênua, o estímulo à capacidade criadora do educando.

A superação da ingenuidade levando à criticidade, segundo Freire, demanda profundidade e superficialidade na compreensão e interpretação dos fatos. É preciso promover, no processo de ensino-aprendizagem, a passagem da “curiosidade ingênua” para a “curiosidade epistemológica” (que não diferem em sua essência, mas em sua complexidade, pois enquanto aquela se baseia apenas na experiência cotidiana, esta é dotada do rigor metódico, de análise crítica). Isso se faz também quando se estabelecem relações iguais de poder, onde todos os saberes sejam reconhecidos e valorizados, pois assim estaremos possibilitando o diálogo, as trocas, a mediação na construção dos saberes. Saberes socialmente construídos na relação com os outros, com os diferentes, com a coletividade.

Observar a atitude dos alunos durante o trabalho com o conteúdo, sua postura frente ao emprego da metodologia, suas construções elaboradas por meio da avaliação, seus gestos, silêncios exige de nós uma escuta atenta aos indícios. Eles é que poderão nos direcionar na construção de uma outra cultura escolar – não aquela apenas baseada na nota, no erro e acerto, nos fortes e fracos, nos inteligentes e nos não inteligentes – mas a que valoriza o risco e a criação, a criatividade e a transgressão de novos olhares e novas formulações, na medida em que estudar propicia relacionar os conhecimentos com a realidade de sua vida, seu meio social. Para isso, é preciso que o educador esteja atento.

É estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto dos pássaros, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. (FREIRE, 1996, p. 134).

Neste fragmento, encontramos presentes vários elementos do Paradigma Indiciário, como sensibilidade, observação, leitura dos sinais, curiosidade, emoção, escuta interior, superação dos medos, que faz com que o indivíduo se entregue à sua busca de corpo inteiro. A idéia de corpo consciente é uma outra referência paradigmática presente nas obras freirianas.

No entendimento de Freire, há outras formas de conhecer, além das defendidas pela razão instrumental, que excluem aspectos, como a intuição, a sensibilidade, a versatilidade, a abdução, dos processos de conhecimento, por considerar que esses aspectos lidam com incertezas. (PROJETO MEMÓRIA, 2007).

Apesar de o paradigma indiciário ser inconcluso, inacabado, não sistematizado, não significa que não tenha importância epistemológica. Freire com sensibilidade para o saber dos excluídos, admite essa importância, na medida em que ambos – Freire e o paradigma indiciário – reconhecem a necessidade de duvidar de suas próprias certezas, questionar as suas verdades.

Neste sentido, o professor, assim como o aluno, também deve ser movido pela incerteza, pelo risco, pela busca, pela curiosidade. Isso deve ser a mola propulsora do aprendizado e do ensino do educador e do educando, da construção e produção de conhecimentos.

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (FREIRE, 1996, p. 85).

É interpretando pistas, pesquisando, que se chega à conclusão provisória de que o sentido e o significado são fundamentais no fazer, fazer-se humano, sobretudo para quem vivencia, em seu cotidiano, práticas herdadas da leitura de indícios, utilizando-as como instrumentos imprescindíveis do fazer pedagógico.

É preciso que a sociedade, a escola, o educador recuperem essas formas de saber, que não são novas, ao contrário, são utilizadas há milênios, ligadas à concretude das práticas cotidianas, à intuição, à sagacidade. Segundo Ginsburg (1991, p.167),

[...] essas formas de saber eram mais ricas do que qualquer codificação escrita; não eram aprendidas nos livros, mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares; fundavam-se sobre sutilezas certamente não-formalizáveis, freqüentemente nem sequer traduzíveis em nível verbal; constituíam o patrimônio, em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais. Um sutil parentesco as unia: todas nasciam da experiência, da concretude da experiência.

É necessário aguçar a sensibilidade de educadores e educandos para ler pistas semeadas na interação, valorizando os diversos saberes e possibilidades, estimulando a busca e interpretação de sinais que possibilitem a descoberta e a criação de novos conhecimentos, novas construções, potencializando a formação de sujeitos mais criativos, intuitivos, versáteis, valorizando a riqueza de seus saberes, de suas experiências.

Os aportes teóricos aqui discutidos: o paradigma indiciário e as contribuições freirianas convergem para o resgate de novos enfoques, novos olhares, novas práticas educativas, que proporcionem o questionamento e a reflexão dos limites das abordagens generalizantes, das verdades irrefutáveis, das posturas irrefletidas que sempre reduzem as práticas a uma reprodução de rotinas cansativas, memorísticas, que não contribuem para formar a consciência crítica, portanto não servem para consolidar bases para uma educação emancipatória.

Em contrapartida, valorizar as experiências, a intuição, os gestos, a curiosidade, o dialogo permite perceber o poder transformador de cada ser humano ao interagir com o outro, respeitando as diversas linguagens, os sentimentos, as culturas. Isso significa valorizar os diversos saberes, abrindo permanentemente o diálogo com o outro, o que acarreta crescimento, ampliação da leitura de mundo e, sobretudo, humanização.

Entretanto, de forma alguma somos contrárias à instrumentalização do aluno para o saber/fazer científico, ferramenta indispensável no processo de construção do conhecimento. Concordamos com Gonçalves (2003, p. 24) quando afirma que, para Freire, “[...] era fundamental o cultivo do senso de atenção e observação que estão na origem das estratégias da vida, da arte, bem como das conquistas dos métodos científicos e tecnológicos”.

Freire orienta, na “Pedagogia da Autonomia”, os educadores a navegarem nos mares da educação, orientados por uma bússola que muito se aproxima do Paradigma Indiciário, ao apontar os seguintes caminhos: o respeito pelos saberes do educando, a corporificação, o saber dialogar e escutar, o ter curiosidade, o ter a consciência do inacabamento... como princípios de uma prática educativa que contribua na formação de sujeitos críticos e atuantes, que possam intervir e transformar sua realidade, no intuito de construir uma sociedade justa e democrática.

APROXIMACIONES DEL PARADIGMA INDICIARIO CON EL PENSAMIENTO FREIRIANO: UNA CONSTRUCCIÓN POSIBLE?

Resumen: Este artículo quiere presentar en resumen el trayecto del paradigma indiciario, intentando demostrar su importancia en cuanto modelo epistemológico y sus posibles aproximaciones con el pensamiento freireano. El modelo indiciario trae expresivas contribuciones a la práctica pedagógica de los educadores, en la medida que, conforme Ginzburg (1991), o paradigma indiciario consiste en la valoración de los pormenores, de los gestuales inconscientes, de los detalles, de las particularidades insignificantes, generalmente imperceptibles y dejados aparte por la mayoría de los investigadores. Es un método

interpretativo que atribuye a los datos marginales la importancia de revelar aspectos que huyen al control de la conciencia, permitiendo captar una realidad más profunda u inaccesible a la observación directa.

Palabras-clave: Formación de los profesores. Paradigma indiciario. Práctica pedagógica.

Referências

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. Paulo Freire e a Pedagogia a serviço da experiência de criação e recriação da vida. **Revista de Educação**. Práticas pedagógicas e práticas de linguagem. Brasília: Editora Salesiana, ano 32, n. 128, p. 22-32, jul./set. 2003.

PROJETO MEMÓRIA. **Paulo Freire: Educar para transformar**. Glossário. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/glossario/index.jsp>>. Acesso em: 15 mar. 2007.

Artigo recebido em: 01/11/2006

Aprovado para publicação em: 15/03/2007